



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA DÉCADA DE SESSENTA NAS ESCOLAS DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Laucimar Carvalho Souto Ferreira*
(UESB)

Ana Palmira B. Santos Casimiro**
(UESB)

INTRODUÇÃO

A sexualidade sempre esteve presente na história da humanidade, imersa nas relações sociais, nos mitos, crenças, costumes e tradições. A sexualidade se faz presente em todos os lugares: dentro de nossas casas, nas propagandas, na moda, nas ruas, nas igrejas, na música, nas novelas televisivas, enfim, em todos os meios de comunicação, fechados ou abertos ao público de qualquer idade. De acordo com César Nunes: “A sexualidade é sempre uma área de saber e investigação essencialmente polêmica, visto envolver-se com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos”. (NUNES 1987:23)

A sexualidade está intrinsecamente ligada a idéias e sentimentos como: vergonha, medo, submissão, amor, prazer. O bom ou mau desenvolvimento desses sentimentos depende da relação que as pessoas têm umas com as outras. O relacionamento das gerações adultas — em geral, pais e professores - com os filhos e alunos é que vai determinar como se desenvolverá as concepções sobre a sexualidade. Se o adulto possuir um comportamento repressor ou inseguro diante do tema sexualidade, vai transmitir, nos seus ensinamentos para as novas gerações, sensações de insegurança, medo, tabus e preconceitos.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Tanto num passado não muito remoto, como na atualidade, de acordo com cada contexto sócio-cultural, muitos pais, por medo ou por não se sentirem seguros para falar de um assunto “tão delicado” com seus filhos acabaram/acabam transferindo a responsabilidade para a escola. Esta, muitas vezes, por também não saber ou não desejar cumprir tal tarefa, contribuiu/contribui, juntamente com a família, para que os jovens aprendam sobre a sexualidade com seus pares, os quais também não se encontram preparados e acabam por repassar informações errôneas e/ou distorcidas, que vão gerar incertezas, angústias e medo por parte daqueles que receberam tais informações. Não é possível falar a respeito da sexualidade sem situá-la historicamente e socialmente. Nunes (1987) é quem afirma que:

Falar sobre a sexualidade implica retornar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala sobre a sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. (NUNES, 1987:15)

Concordando com o autor, não se pode deixar de afirmar que as manifestações de sexualidade são também manifestações sociais e estas, por sua vez, históricas e passíveis de transformações. De modo geral, grande parte das mudanças comportamentais surgiram no século XX e, no Brasil tal temática passa a ser maiormente debatida na década de sessenta, conforme discute Dagmar Meyer (1998:86):

Muitos vêem os anos sessenta, nas sociedades ocidentais, como o início de uma era de “permissividade” Para alguns aí se instalou “uma revolução sexual”, para outros, ocorre, a partir daí, um aumento na “mercantilização do sexo”. Há quem diga que foram introduzidas mudanças importantes nas formas de “regulação da sexualidade”

Sendo a sexualidade um elemento intrinsecamente presente na vida de todos, é necessário examinar a fenômeno da aprendizagem em torno desse assunto de forma a apurar o interesse em falar, sentir, ouvir e refletir sobre ele. Em décadas mais recentes,



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

os debates acerca da sexualidade tornaram-se mais acalorados e abertos, de modo que falar sobre identidade e práticas sexuais já não causa tanto espanto como há algumas décadas atrás, e já não se pensa mais as manifestações de sexualidade apenas pelo viés masculino-feminino, em que a supremacia da dominação do homem subjugava completamente qualquer iniciativa da mulher.

O que move a construção do conhecimento é o desejo. Ele é a mola mestra para as iniciativas no processo de apreensão do conhecimento. Pode parecer um tanto subjetivo falar de desejo como ponto de partida para um projeto de pesquisa, porém, não existe nada mais concreto do que a vontade de construir uma educação de qualidade, incluindo a educação sexual.

Desta forma, este estudo tem o objetivo de conhecer e analisar o fenômeno da sexualidade e suas manifestações implícitas ou explícitas, experienciadas por estudantes da década de 60, nas escolas Nossa Senhora de Fátima (Sacramentinas) e Instituto de Educação Euclides Dantas (Escola Normal), ambas em Vitória da Conquista - BA. Tal interesse de pesquisa tomou forma durante o curso de Especialização em Educação, Cultura e Memória do Museu Pedagógico do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas — DFCH, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB, estando ciente de que discutir a temática Orientação Sexual é estar aberta a conhecer os conflitos que envolvem esta área e concordando com Aquino (1997), segundo o qual “lidar com a sexualidade é saber que conflitos e paradoxos não existem para ser eliminados e sim para ser compreendidos, reinterpretados, reorganizados”.

Alguns autores respaldam teoricamente este trabalho, a exemplo de Freud, por ser ele o precursor da teoria científica relativa ao sexo, o que torna a obra freudiana imprescindível para o estudo da compreensão da temática sexualidade. A obra de Michel Foucault serviu como base para compreender as relações de poder regulando o comportamento sexual, como forma de controle social. As contribuições de Marilena



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Chauí foram importantes para entender as diversas formas de repressão social, sendo que, segundo autora, a repressão sexual é a mais eficiente forma de controle social.

Além dos autores acima citados, Jacques Le Goff serviu de referência com os conceitos de História e Memória, fundamentais para a concretização deste trabalho, uma vez que a memória, aqui, diz respeito aos depoimentos de indivíduos, cuja lembrança, para mim serão diamantes brutos a serem lapidados à luz das investigações já existentes acerca da sexualidade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. (coord.). Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo: Summus, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual: Essa Nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 7ed., 1984.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Tereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: edições gerais, 1988.
- FREUD, Sigmund. Introdução à Psicanálise, tradução de Elias Davidovich. Rio de Janeiro: Delta, 1959.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória, tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 3ed., 1994.
- MEIER, Dagmar. Elisabete Estermann, (org.). Saúde e Sexualidade na Escola. Porto Alegre: Mediação, 1988. 176p. (cadernos Educação Básica, 4).
- NUNES, Cesar Aparecido. Desvendando a Sexualidade. 3ed. São Paulo: Papyrus, 1987.